

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: PENSANDO A
INTERDISCIPLINARIDADE
ENVIRONMENTAL EDUCATION ON TEACHING HISTORY: THINKING
THE INTERDISCIPLINARITY

André Luiz Portanova Laborde*

Cassiano Paes da Silva*

RESUMO:

O presente texto discute as relações entre educação ambiental e ensino de História. Propõe-se discutir ciência e interdisciplinaridade, as interconexões com o pensamento pós-estruturalista enfocando a educação ambiental como tema transversal à atividade do ensino. Esse estudo de educação ambiental integra a linha de pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental do PPG em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que trabalha com uma visão unificada da formação que compreende a área do conhecimento que abarca a História, aproximando a perspectiva ambiental do mote de pesquisa e investigação. Dessa maneira, almeja-se pensar a dimensão que compreende a educação e a prática do ensino de história.

Palavras-chave: Educação Ambiental; ensino de história; Interdisciplinaridade

ABSTRACT:

This article discusses the relationship between environmental education and history teaching. It is intended to discuss science and interdisciplinarity; the interconnections with the post-structuralism thought, focusing on environmental education as crosscutting theme to the activity of teaching. This study of environmental education integrates the following research line: Elements of Environmental Education of the Graduation Program (PPG) in Environmental Education of the Federal University of Rio Grande Foundation (FURG -

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental; Coordenador do Grupo de Estudos em História Antiga – GPHA da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

* Professor do Departamento de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis – DCEAC- da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Fundação Universidade Federal do Rio Grande). It works on a unified view of training that comprises the area of knowledge which encompasses history, bringing closer the environmental outlook to research and investigation themes. Thus, we aim to ponder the extension that comprises education and the teaching of history.

Keywords: Environmental Education; history teaching; Interdisciplinarity

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar uma pesquisa que envolva educação ambiental e ensino de História, não é tarefa fácil. Nesse sentido, nos dispomos a romper o tênue véu que permeia a discussão, ou seja, alguns embates entre ciência e interdisciplinaridade. Mais do que isso, pretendemos estabelecer interconexões com o pensamento pós-estruturalista enfocando a educação ambiental como tema transversal à atividade do ensino.

A diversidade de enfoques proporcionada pela educação ambiental possibilita o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa com ênfase interdisciplinar. Isto é, as diferentes abordagens da educação ambiental sugerem um relacionamento complexo entre dimensões que podem abranger aspectos variados do conhecimento, em uma tentativa de agregar saberes e valores acerca da problemática ambiental.

A nossa efetiva aproximação à educação ambiental se percebe através da linha de pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental, por entender que esta unifica o saber da formação que compreende a área do conhecimento que abarca a História, aproximando a perspectiva ambiental do mote de pesquisa e investigação.

Nossa intenção é poder cruzar essas duas áreas, possibilitando atuar de forma interdisciplinar entre ambas as esferas do conhecimento científico. Dessa maneira, almeja-se pensar a dimensão que compreende a educação e a prática do ensino.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SEUS PRESSUPOSTOS: UM TEMA TRANSVERSAL

Entendemos que a Educação Ambiental surge como um paradigma educacional viável e, como processo permanente de formação de “sujeitos ecológicos” (CARVALHO: 2001,54) é um fundamental instrumento na promoção do desenvolvimento humano e comunitário, devendo estar presente na escola, na família, no bairro, nas políticas públicas e em todos os segmentos da rede de difusão das práticas de ensino.

[...] a educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão e da experiência humana de estar no mundo e participar da vida. O educador é por “natureza” um intérprete, não apenas porque todos humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador, tradutor, de mundos (CARVALHO: 2004,77).

A terminologia “ambiental” contribui para o entendimento do ser humano enquanto “elemento central e indissociável do ambiente” (LOUREIRO: 2002,65). Em todos os níveis sociais a educação deve estar direcionada para as pessoas, os grupos e comunidades, para que estes reflitam e participem da busca por uma melhor qualidade de vida no contexto em que estão inseridos.

A Educação Ambiental propõe um *desenvolvimento social alternativo*. O desenvolvimento alternativo contrapõe o desenvolvimento econômico e social disseminado pelo capitalismo e o paradigma de modernidade (OAKLEY & CLAYTON: 2003), pois “centra-se no povo e no seu ambiente, ao invés de se centrar na produção e nos lucros”. O objetivo principal deste modelo alternativo de desenvolvimento é a humanização do sistema de relações interpessoais através do processo de *empowerment* social, psicológico e político.

Pensar em um pressuposto teórico integrador adequado à Educação Ambiental, é ao mesmo tempo pensar nas transformações das realidades contemporâneas que se apresentam atualmente.

A Educação Ambiental não pode estar limitada a um enfoque naturalista do ambiente ou a um processo que enfoca somente a solução de problemas biofísicos, considerada, então como estratégia para o desenvolvimento sustentável. Sem dúvida, a ‘Educação Ambiental’ é um componente nodal e não um simples

acessório da educação, já que envolve a reconstrução do sistema de relações entre pessoas, sociedade e ambiente. (FLORIANI & KNECHTEL, 2003:51).

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

A educação ambiental, portanto, é a ação educativa permanente pela qual a comunidade educativa têm a tomada de consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, dos problemas derivados de ditas relações e suas causas profundas. Ela desenvolve, mediante uma prática que vincula o educando com a comunidade, valores e atitudes que promovem um comportamento dirigido a transformação superadora dessa realidade, tanto em seus aspectos naturais como sociais, desenvolvendo no educando as habilidades e atitudes necessárias para dita transformação.

PERCEBENDO A HISTÓRIA EM UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA

O pós-estruturalismo pode ser percebido como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora sua terminologia não seja utilizada para dar idéia de homogeneidade, singularidade, especificidade ou unicidade. O termo "pós-estruturalismo" é ele próprio, questionável. Mark Poster (1989: 06) observa que o termo "pós-estruturalismo" tem suas raízes nos Estados Unidos e que a expressão "teoria pós-estruturalista" nomeia uma prática calcada na assimilação do trabalho de uma gama bastante diversificada de teóricos.

Nessa medida, podemos dizer que o termo é um rótulo utilizado na comunidade acadêmica para descrever uma resposta distintivamente filosófica ao estruturalismo que caracterizava os trabalhos de Claude Lévi-Strauss (antropologia), Louis Althusser (marxismo), Jacques Lacan (psicanálise) e Roland Barthes (literatura).

Entretanto, o pós-estruturalismo não deve ser simplesmente reduzido a uma amalgama de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. No entanto, é melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento - uma complexa rede

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p.31 a 42, jul./dez. 2009](#)

de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo¹ é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes.

Como uma atividade francesa e predominantemente parisiense, o pós-estruturalismo de primeira geração é inseparável do *milieu* intelectual imediato que predominou na França do pós-guerra, em uma história dominada por forças intelectuais variadas: o legado das interpretações "existencialistas" da Fenomenologia de Hegel, feitas por Alexander Kojève e Jean Hyppolite; a fenomenologia do Ser de Heidegger e o existencialismo de Sartre; a redescoberta e a "leitura" estruturalista de Freud, feitas por Lacan; a onipresença de Georges Bataille e Maurice Blanchot; a epistemologia radical de Gaston Bachelard e os estudos da ciência de Georges Canguilhem.

Provavelmente o mais importante é que o pós-estruturalismo inaugura e registra a recepção francesa de Nietzsche, o qual forneceu as fontes de inspiração para muitas de suas inovações teóricas. E também decisiva para a emergência do pós-estruturalismo, sem dúvida, a interpretação que Martin Heidegger fez de Nietzsche, bem como as leituras de Nietzsche feitas por Deleuze, Derrida, Foucault, e entre outros, desde o início dos anos 60 até os anos 70 e 80.

O pós-estruturalismo é inseparável também da tradição estruturalista da lingüística baseada no trabalho de Ferdinand de Saussure e de Roman Jakobson, bem como das interpretações estruturalistas de Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, Louis Althusser e Michel Foucault.

O pós-estruturalismo, considerado em termos da história cultural contemporânea, pode ser compreendido como pertencendo ao amplo movimento do formalismo europeu, com

¹ Como uma atividade francesa e predominantemente parisiense, o pós-estruturalismo de primeira geração é inseparável do *milieu* intelectual imediato que predominou na França do pós-guerra, em uma história dominada por forças intelectuais variadas: o legado das interpretações "existencialistas" da Fenomenologia de Hegel, feitas por Alexander Kojève e Jean Hyppolite; a fenomenologia do Ser de Heidegger e o existencialismo de Sartre; a redescoberta e a "leitura" estruturalista de Freud, feitas por Lacan; a onipresença de Georges Bataille e Maurice Blanchot; a epistemologia radical de Gaston Bachelard e os estudos da ciência de Georges Canguilhem. TAINO, Ana Maria dos Reis. *Totalidade*. IN: FAZENDA, Ivani. Dicionário em construção: interdisciplinaridade. São Paulo; Cortez, 2001.

vínculos históricos explícitos tanto com a lingüística e a poética formalista e futurista quanto com a *avant-garde* artística européia.

Foi, sem dúvida, central para a emergência do pós-estruturalismo a redescoberta, por um grupo de pensadores franceses, da obra de Friedrich Nietzsche. Foram importantes também a interpretação que Martin Heidegger fez dessa obra, bem como as leituras estruturalistas tanto de Freud quanto de Marx. Considerava-se que, enquanto Marx havia privilegiado a questão do poder e Freud havia dado prioridade à idéia de desejo, Nietzsche era um filósofo que não havia privilegiado qualquer um desses conceitos em prejuízo do outro. Sua filosofia oferecia uma saída que combinava poder e desejo.

No agora clássico ensaio "A estrutura, o signo e jogo no discurso das ciências humanas", (DERRIDA, 1978: 78) questionava a "estruturalidade da estrutura" ou a idéia de "centro" que, ele argumentava, operava para limitar o jogo da estrutura:

[...] toda a história do conceito de estrutura [...] tem de ser pensada como uma série de substituições de centro para centro, um encadeamento de determinações do centro. O centro recebe, sucessiva e regularmente, formas ou nomes diferentes. A história da metafísica, como a história do Ocidente, seria a história dessas metáforas e dessas metonímias. A sua matriz seria [...] a determinação do ser como presença em todos os sentidos desta palavra. Poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio, ou do centro, sempre designaram o invariante de uma presença (eidos, arche, telos, energeia, ousia [essência, existência, substância, sujeito], aletheia, transcendentalidade, consciência, Deus, homem, etc.). (DERRIDA, 1978:80.)

Derrida colocava em questão, nesse parágrafo, o estruturalismo francês da década anterior e, ao mesmo tempo, apontava a direção de suas próprias ambições intelectuais. O "descentramento" da estrutura do significado transcendental e do sujeito *soberano* pode ser encontrado, sugere Derrida, nomeando suas fontes de inspiração, na crítica nietzscheana da metafísica e, especialmente, na crítica dos conceitos de ser e de verdade; na crítica freudiana da autopresença, "da consciência, do sujeito, da auto-identidade e da autoproximidade ou da autopossessão"; e, mais radicalmente, na destruição heideggeriana da metafísica, "da determinação do Ser como presença".

Derrida discute, ao longo desse ensaio, o tema do "descentramento", concluindo por distinguir duas interpretações de estrutura. Uma delas, de origem hegeliana e exemplificada no trabalho de Lévi-Strauss, sonha "decifrar uma verdade e uma origem que escapem ao jogo

[Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p.31 a 42, jul./dez. 2009](#)

e à ordem do signo", buscando aí a "inspiração de um novo humanismo²". A outra "que já não está voltada para a origem, afirma o jogo e procura superar o homem e o humanismo..." (DERRIDA, 1978:92).

Foucault se debruçou e desenvolveu a genealogia nietzscheana como uma forma de história crítica que resiste à busca por origens e essências, concentrando-se, em vez disso, nos conceitos de *proveniência* e *emergência*. Ao analisar, por meio do uso de narrativas e da narratologia, a pragmática da linguagem, Lyotard demonstra a mesma aversão que tinha Nietzsche pelas tendências universalizantes da filosofia moderna. Derrida, seguindo Nietzsche, Heidegger, e Saussure, questiona os pressupostos que governam o pensamento binário, demonstrando como as oposições binárias sustentam, sempre, uma hierarquia ou uma economia que opera pela subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro, utilizando a desconstrução para denunciar, deslindar e reverter essas hierarquias. Deleuze (1983) fixa-se na diferença como o elemento característico que permite substituir Hegel por Nietzsche, privilegiando os "jogos da vontade de potência" contra o "trabalho da dialética".

Todos esses pensadores enfatizam que o significado é uma construção ativa, radicalmente dependente da pragmática do contexto, questionando, portanto, a suposta universalidade das chamadas "asserções de verdade". Foucault vê a verdade como o produto de regimes ou gêneros discursivos que têm seu próprio e irreduzível conjunto de regras para construir sentenças ou proposições bem formadas.

Seguindo Nietzsche, todos eles questionam o sujeito cartesiano-kantiano humanista, ou seja, o sujeito autônomo, livre e transparentemente autoconsciente, que é tradicionalmente visto como a fonte de todo o conhecimento e da ação moral e política. Em contraste, e seguindo a crítica da filosofia liberal feita por Nietzsche, eles descrevem o sujeito em toda sua

² A genealogia do pós-estruturalismo francês tem que ser compreendida, em parte, por suas filiações com o pensamento de Nietzsche. Em particular; com sua crítica da verdade e sua ênfase na pluralidade da interpretação; com a centralidade que ele concede à questão do estilo, visto como crucial, tanto filosófica quanto esteticamente, para que cada um se supere a si próprio, em um processo de perpétuo autodevir; com a importância dada ao conceito de *vontade de potência* e suas manifestações como vontade de verdade e vontade de saber. Esses temas filosóficos foram assumidos, adotados e experimentados pelos pós-estruturalistas franceses sob novas e estimulantes formas. HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

complexidade histórica e cultural - um sujeito "descentrado" e dependente do sistema lingüístico, um sujeito discursivamente constituído e posicionado na intersecção entre as forças libidinais e as práticas socioculturais.

O sujeito, outra vez sob a influência de Nietzsche, é visto, em termos concretos, como corporificado e generificado, ser temporal, que chega, fisiologicamente falando, à vida e enfrenta a morte e a extinção como corpo, mas que é, entretanto, infinitamente maleável e flexível, estando submetido às práticas e às estratégias de normalização e individualização que caracterizam as instituições modernas.

Devemos compreender o pós-estruturalismo, no seu desenvolvimento no contexto histórico francês, tanto como uma reação quanto como uma fuga, relativamente ao pensamento hegeliano. Essa reação ou fuga, para sintetizar a questão em termos deleuzianos, envolve, essencialmente, a celebração do "jogo da diferença" contra o "trabalho da dialética". O livro de Deleuze, *Nietzsche e a filosofia*, representa um dos momentos inaugurais do pós-estruturalismo francês, em uma interpretação de Nietzsche que enfatiza o jogo da diferença, utilizando esse último conceito como o elemento central de um vigoroso ataque à dialética hegeliana. Tal como sintetizado pelo próprio Deleuze:

Três idéias definem a dialética: a idéia de um poder do negativo como princípio teórico que se manifesta na oposição e na contradição; a idéia de um valor do sofrimento e da tristeza, a valorização das "paixões tristes", como princípio prático que se manifesta na cisão, na separação; a idéia da positividade como princípio teórico e prático da própria negação. Não é exagero dizer que toda a filosofia de Nietzsche, em seu sentido polêmico, é a denúncia dessas três idéias (1983: 95-96).

Deleuze contrasta a força negativa da dialética e sua predisposição puramente reativa - o positivo é obtido apenas por meio da dupla negação, "a negação da negação" - com a força puramente positiva da afirmação inerente à "diferença", a qual é tomada como a base de um pensamento radical que não é nem hegeliano nem marxista. Em uma vigorosa passagem, Deleuze afirma:

"A dialética hegeliana consiste, na verdade, em uma reflexão sobre a diferença, mas de imagem invertida. No lugar da afirmação da diferença como tal, ela coloca a negação daquilo em relação ao qual ela difere; no lugar da afirmação do eu, ela coloca a negação do outro; e no lugar da afirmação da afirmação, ela coloca a famosa negação da negação" (1983: 96).

Em suma, a dialética hegeliana reflete uma falsa imagem da diferença.

Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p.31 a 42, jul./dez. 2009

A crítica nietzscheana da dialética, feita por Deleuze, uma das chaves para se compreender o pós-estruturalismo francês, deveria ser mais reconhecida como uma base legítima para uma teorização radical alternativa.

Os pensadores pós-estruturalistas³ desenvolveram formas peculiares e originais de análise (gramatologia, desconstrução, arqueologia, genealogia, semioanálise), com frequência dirigidas para a crítica de instituições específicas (como a família, o Estado, a prisão, a clínica, a escola, a fábrica, as forças armadas, a universidade e até mesmo a própria filosofia) e para a teorização de uma ampla gama de diferentes meios (a "leitura", a "escrita", o ensino, a televisão, as artes visuais, as artes plásticas, o cinema, a comunicação eletrônica).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Interdisciplinaridade é a integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento. A interdisciplinaridade surge como uma das respostas à necessidade de uma reconciliação epistemológica, processo necessário devido à fragmentação dos conhecimentos ocorrido com a revolução industrial e a necessidade de mão de obra especializada. A interdisciplinaridade buscou conciliar os conceitos pertencentes às diversas áreas do conhecimento a fim de promover avanços como a produção de novos conhecimentos ou mesmo, novas sub-áreas.

Refletir sobre as reivindicações que geraram a interdisciplinaridade e sobre suas origens é um exercício fascinante, posto que propiciaram uma outra nova ordem de se pensar o homem, o mundo e as coisas do mundo, reabriram velhos caminhos, há muito esquecidos e, além disso, permitiram rever conceitos e certezas cristalizados na mente humana.

³ Em sua primeira geração, o pós-estruturalismo é exemplificado pelo trabalho de Jacques Derrida, Michel Foucault, Julia Kristeva, Jean-François Lyotard, Gilles Deleuze, Luce Irigaray; Jean Baudrillard, entre muitos outros. Historicamente, sua formação e seu desenvolvimento institucional inicial podem ser ligados à influente revista *Tel Quel*, havendo fortes conexões com figuras literárias tais como Maurice Blanchot e Roland Barthes. ESCOSTEGUY, Ana Carolina. "Estudos culturais: uma introdução". IN: Silva, Tomás T. (org.) O que é, afinal, estudos culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Voltar às origens da significação humana do conhecimento é resgatar a história do saber, é encontrar em cada paragem, vivências e experiências relegadas ao esquecimento, deixadas de lado, até ridicularizadas, porque míticas, místicas, devocionais, ou mágicas, portanto subjetivas, e por isso contrariavam o racionalismo e a objetividade, dogmas adotados pela Ciência Moderna. No entanto são componentes do humano, habitam a alma de todos nós e, freqüentemente, decidem nossas ações. "O que estamos querendo dizer é que a ciência, por mais que elabore um discurso racional e objetivo, jamais poderá estar inteiramente desvinculada de suas origens religiosas, místicas, alquimistas ou subjetivas." (JAPIASSU, 2001:53).

Vivemos uma época de transição, de questionamentos, uma época em que nossos saberes e nossos poderes parecem estar desvinculados. Mais do que isso, o saber atual fragmentado dispersou-se pelos dez cantos do mundo, e o centro desta circunferência, outrora ocupado pelo homem, encontra-se, agora, vazio. O magnífico desenvolvimento científico e tecnológico que ora assistimos também trouxe uma assustadora carência de sabedoria e introspecção. Ciência e tecnologia lançaram-se, "... numa correria cega sem prestarem atenção à paisagem de humanidade que as cerca, sem sonhar com o que deixaram atrás delas, para melhor obedecerem ao espírito frenético de conquista que as arrastam para um terrível futuro". (GUSDORF, 1976: 23)

Na Ciência Moderna, eleita a estrela guia, que conduziria a humanidade no caminho das trevas para a luz, o conhecimento desenvolveu-se pela especialização e passou a ser considerado mais rigoroso quanto mais restrito seu objeto de estudo; mais preciso quanto mais impessoal, eliminando o sujeito de seu discurso, e pondo de lado a emoção, o amor, considerados obstáculos à verdade.

Especializado, restrito e fragmentado, o conhecimento disciplinar passou a ser disciplinado e segregador. Estabeleceu e delimitou as fronteiras entre as disciplinas, para depois fiscalizá-las e reprimir os que as quisessem transpor. Para Santos: "A excessiva disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado". (1997: 46).

Exploramos mundos distantes, do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, novas realidades se apresentaram irreduzíveis a componentes básicos ou princípios fundamentais, inexistentes em locais definidos do espaço, onde o tempo não é Cronos e nada tem significado isoladamente – tudo depende do todo. No entanto, na era do triunfo da razão, o irracionalismo parece sobressair. Há muito, não temos um único dia de paz. Estamos na situação de Prometeu – roubamos o fogo do interior do átomo – só que, pela primeira vez na história, o homem adquiriu o poder de Zeus.

A perspectiva era a de superar esta dicotomia. Apesar disso a interdisciplinaridade continuou a se disseminar de forma indiscriminada, já que, de fato, poucos professores a conheciam. Assim, nos anos de 1990, um grande número de projetos, denominados interdisciplinares, surgiu ainda baseados no modismo sem fundamentação.

Por outro lado, apareceu, neste mesmo tempo, um processo de conscientização da abordagem interdisciplinar, expressa no comprometimento do professor com seu trabalho e alimentada pelas experiências e vivências rituais de sua arte (FAZENDA: 1996), anunciando possibilidades de mais do que vencer os limites impostos pelo conhecimento fragmentado, transformar essas fronteiras em territórios propícios para os encontros.

É na arte de educar que o professor interdisciplinar realiza sua "Grande Obra". Por isso propomos esse diálogo entre História e Educação Ambiental. É a sala de aula um território favorável aos encontros das mais diversas pessoas, possuidoras dos mais variados saberes, com outros saberes, produzidos por outras pessoas. Nesses encontros as transformações acontecem – a transformação do conhecimento e transformação de cada um – e nos levam a outro nível de realidade.

Encontros e transformações estruturam o Universo. Dos encontros surge a vida. Nos encontros a vida se enriquece e se transforma.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, I. C. de M. C. *A Invenção Ecológica*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001.

CARVALHO, I. C. M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983.

DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais: uma introdução. **IN:** SILVA, T. T. (org.) *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FAZENDA, I. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FLORIANI, D. & KNECHTEL, M do R. *Educação Ambiental, epistemologias e metodologias*. Curitiba: UFPR, 2003.

GUSDORF, G. Prefácio. **IN:** JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HALL, S. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

LOUREIRO, C.F.B. Educação Ambiental e Movimentos Sociais na Construção da Cidadania Ecológica e Planetária. **IN:** LOUREIRO, C.F. B; LAYRARGUES, P.P. e CASTRO, R.S. *Educação Ambiental: repensando o espaço da Cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

JAPIASSU, H. *Desistir do pensar? Nem pensar! Criando o sentido da vida num mundo funcional e instrumental*. São Paulo: Letras e Letras, 2001.

OAKLEY, P & CLAYTON, A. *Monitoramento e Avaliação do Empoderamento*. São Paulo: Instituto Polis, 2003.

SANTOS, B de S. *Um discurso sobre as ciências*. 9. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

TAINO, Ana Maria dos Reis. Totalidade. **IN:** FAZENDA, Ivani. *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. São Paulo; Cortez, 2001.